

AVISO AO USUÁRIO

A digitalização e submissão deste trabalho monográfico ao *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia* foi realizada no âmbito do Projeto *Historiografia e pesquisa discente: as monografias dos graduandos em História da UFU*, referente ao EDITAL Nº 001/2016 PROGRAD/DIREN/UFU (<https://monografiashistoriaufu.wordpress.com>).

O projeto visa à digitalização, catalogação e disponibilização online das monografias dos discentes do Curso de História da UFU que fazem parte do acervo do Centro de Documentação e Pesquisa em História do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia (CDHIS/INHIS/UFU).

O conteúdo das obras é de responsabilidade exclusiva dos seus autores, a quem pertencem os direitos autorais. Reserva-se ao autor (ou detentor dos direitos), a prerrogativa de solicitar, a qualquer tempo, a retirada de seu trabalho monográfico do *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia*. Para tanto, o autor deverá entrar em contato com o responsável pelo repositório através do e-mail recursoscontinuos@dirbi.ufu.br.

MARIA ISABEL PEREIRA SILVA

ASPECTOS CONDICIONANTES DA
IDEOLOGIA RACISTA EM UBERLÂNDIA

LABORATÓRIO DE ENSINO E APRENDIZA-
GEM DE HISTÓRIA - UFU

N.º 1.127

Data 26/03/97

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
UBERLÂNDIA

00886-ASPECTOS CONDICIONANTES DA IDEOLO

Autor: SILVA, MARIA ISABEL PEREIRA

Trad.: \\\

Edit.: UFU
UBERLÂNDIA

MG

S. 8(m)

MARIA ISABEL PEREIRA SILVA

ASPECTOS CONDICIONANTES DA
IDEOLOGIA RACISTA EM UBERLÂNDIA

LABORATÓRIO DE ENSINO E APRENDIZA-
GEM DE HISTÓRIA - UFU

N.º 1.127

Data 26/02/94

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
UBERLÂNDIA

1990

MARIA ISABEL PEREIRA SILVA

ASPECTOS CONDICIONANTES DA
IDEOLOGIA RACISTA EM UBERLÂNDIA

Dissertação de graduação elaborada no
nono período, durante o segundo semes-
tre do ano de 1.990, no Curso de
História da Universidade Federal
de Uberlândia.

Dedico este trabalho à minha avó Jovelina Honória dos Santos (in memoriam); ao Senhor Siricôco que preserva com tanto amor, as tradições do Congo de Moçambique. Este trabalho é dedicado também a todos os excluídos sociais: a marginália.

AGRADECIMENTOS

A todas as pessoas que colaboraram direta e indiretamente para a elaboração deste trabalho.

Joana Darc, Dalva e a Wuillian Lopes Vala dão pelo carinho dedicação e apoio nos momentos de desânimo. Agradeço também a professora Carmem pela paciência com que orientou-me durante todo o ano.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	06
CAPÍTULO I	08
CAPÍTULO II.....	14
CAPÍTULO III.....	29
NOTAS.....	40
ANEXO	44
BIBLIOGRAFIA.....	56

APRESENTAÇÃO

ASPECTOS CONDICIONANTES DA IDEOLOGIA RACISTA EM UBERLÂNDIA

"O racismo é mais por parte do negro do que do branco."

A frase acima faz parte de uma entrevista realizada no dia dezoito de maio do corrente ano. Pode parecer à primeira leitura uma frase banal ou corriqueira mas chamou-nos tanto a atenção que iniciaremos nosso trabalho parafraseando-a.

Para analisarmos esta frase se faz necessário que partamos para o processo de formação ideológica que a forjou. Assim, porquê uma mulher negra, de formação universitária diria tal frase? O que rege o imaginário das pessoas? Seria o racismo um fator em si mesmo?

É comum em nossa sociedade a crença de que o negro se auto discrimina. Negros e brancos comungam da opinião de que o negro tem vergonha de si mesmo e se com ele ocorre uma ascensão social, este não tenta ajudar à outros negros, ao contrário, junta-se ao branco tentando esquecer sua negritude pois a considefa como fator negativo.

Se isto acontece, o que o acarreta? O negro acordando de manhã, olha no espelho e acha, baseado em nada, que seu cabelo é feio e sua cor de pele é de escravo?

Acreditamos que haja relações sociais e portanto coletivas que dão uma certa legitimidade às relações individuais ser

vindo de suporte ideológico às opiniões, ações e reações. Entre elas está o racismo⁽¹⁾ o qual pretendemos analisar neste trabalho observando seu engendramento social, sua veiculação e a inserção nos vários níveis da vida cotidiana de negros e não negros.

Nossa análise far-se-á através de três capítulos. Esta divisão facilitará nosso estudo e a concatenação das idéias já que o tema é abrangente fazendo com que possamos nos perder pois abre-se como um diamante atravessado pela luz do sol resultando em vários prismas multicores que apesar da diversidade, são oriundos da mesma fonte e possuem a mesma tonalidade de cores e intensidade de brilho.

No primeiro capítulo trataremos das idéias que servem para eleger o homem e a mulher negra como seres essencialmente e róticos. Discutiremos como o mito da democracia racial mantém sob disfarce e dissimulação, a exclusão social do negro.

No segundo capítulo sobre a cultura negra, analisaremos a imposição cultural e a resistência. O controle social e a transformação dos movimentos culturais em mercadorias lucrativas. E por fim, veremos como se dá a concentração de pessoas negras no espaço urbano uberlandense.

O último capítulo sobre a Educação discutiremos como a educação tem sido utilizada no Brasil para formação de mão de obra especializada e técnica. Como a estrutura educacional exclui pobres e em especial, o negro. Finalizando, enriqueceremos esse trabalho com uma sugestão de trabalho no campo da educação; uma peça teatral que poderá ser trabalhada por educadores oficiais e não oficiais.

Iniciaremos este capítulo discutindo a questão da afetividade do homem e principalmente da mulher negra porque consideramos de grande importância nas relações sociais, principalmente nos relacionamentos amorosos que resultam na formação das famílias, núcleo social burguês de reprodução das ideologias.

Há uma crença de que a mulher e o homem negros são mais "quentes na cama". Cientificamente falando não há fundamentação teórica nesta afirmação, ao contrário, carrega em si o germen colonial do preconceito, onde diziam ser os negros libidinosos, com um apelo sensual exacerbado. Esse pensamento vingou e temos em cada um de nós sua herança que se manifesta no momento em que vemos uma "mulata" dançando, rebolando seus quadris.

Esqueçamos alguns momentos esse conjunto de idéias. Observaremos um quadro diverso no que diz respeito a afetividade do homem e da mulher negra.

Partindo das entrevistas feitas com as mulheres e homens negros, observamos as colocações sobre a dificuldade de relacionamentos, sobretudo, relacionamentos amorosos.

As mulheres brancas têm o costume de se abraçarem quando se encontram, andam de braços dados pelas vias públicas. A mulher negra⁽²⁾ relata uma dificuldade de se tocarem, de tocarem seus companheiros. Trazem consigo, ainda que inconscientemente, a idéia de que seus cabelos são feios e que não são suficientemente atraentes. Por isso, entre outros fatores ligados ao tipo de educação castradora que recebemos, aproximam-se timidamente de seus companheiros. A troca de carinhos e a amabilidade é custosa já que o carinho é resultante de relações complexas que envolvem o eu interior de cada um e sua maneira de manifestação difere de indivíduo para indivíduo já que cada um possui uma história de vida diferente.

Mas poderíamos indagar: as mulheres brancas se tocam com mais facilidade por motivos culturais ou por um tipo de educação diferente, possuindo assim comportamento diverso da mulher negra? Esta se relaciona sexualmente bem, com seus companheiros? Se isso ocorre, é advindo do fato de lhes ser atribuída a característica de "boas de cama"?

Ora, ela serviu para a satisfação sexual dos senhores de engenho e ainda hoje é exortada como amante ideal sob uma fantasia de carnaval.

Entre os negros existem dois critérios diferentes com relação à escolha dos cônjuges, porém ambos se encontram da mesma forma que duas retas paralelas encontram-se no infinito.

Uns dizem não se interessarem por não negros por medo de sofrerem represálias racistas. Se sentem mais à vontade com um companheiro negro. Se protegem do racismo ao mesmo tempo, dizem proteger suas origens através da união com um elemento negro mantendo suas tradições na educação dos filhos.

Existem também aqueles que queiram um companheiro branco para que seus filhos, sendo mestiços, sofram menos pois seriam "menos" negros. Seria essa uma manifestação de introjeção do racismo? O negro, enquanto elemento social reflete o racismo que recebe, pois o assimila e ainda que reticente, por vezes o reproduz já que a neutralidade não existe, apesar de considerada como ideal no sentido de justiça burguesa.

A sociedade burguesa possui um padrão de beleza que concebe, forma e determina o comportamento das pessoas. A existência do belo comum não é encontrado em um determinado lugar. Ele consegue estar pré determinado nos vários setores da vida e manifesta-se de maneiras sutis, contudo, é responsável pela disciplina física e psicológica do indivíduo.

Os corpos devem possuir as mesmas medidas, os cabelos devem ser lisos e os olhos, verdes. Isso cria uma atribuição

de valor naquilo que se apresenta de maneira diferente. O que é diferente, não é aceito pelas mentes.

O que poderíamos dizer do indivíduo obeso? É feio.

E o negro? É feio.

E o indivíduo de estatura baixa? É feio.

A pessoa feia⁽³⁾ (principalmente a obesa), alimenta em si a idéia de inferioridade física. Não é necessário que lhes digam que é "feia", ela mesma o diz. Na maior parte das vezes sente uma limitação psicológica no que diz respeito a um relacionamento afetivo. Denominamos aqui relacionamento afetivo todas as relações sociais que envolvam sentimentos, quer seja de amizade, familiares ou amorosos pois na verdade, todos os nossos relacionamentos, em todos os níveis, são afetivos. O que os diferencia é a intenção que carrega em si, cada relação.

O indivíduo negro encontra na sociedade um parâmetro de comparação, um modelo de beleza - o indivíduo não negro. Para além da diferenciação de classes, ele encontra a dominação étnica⁽⁴⁾, dominação essa que reafirma em muito a dominação de uma classe sobre a outra.

A autodisciplina física e psicológica do negro é extremamente rígida. A mulher não negra quando enrola seus cabelos, não se sente menos branca ou mais negra. Já a mulher negra seguindo o padrão de beleza socialmente estabelecido, sente-se menos negra ao alisar os seus cabelos. Dizem ficar seus cabelos mais "higienizados", mais fáceis de pentear. Na verdade, ficam mais próximos do cabelo europeu e o fato da mulher negra alisar seus cabelos, serve de chacotas e ridicularizações por parte do elemento não negro. Age como se fosse um problema individual do negro, um complexo de inferioridade ou trauma, não há a visão crítica de que os atos das pessoas possuem uma ressonância social, os comportamentos são reflexos da dominação ou reações ao pré estabelecido.

Nos últimos cinco anos, observamos em Uberlândia um crescente uso de tranças africanas entre as negras. Não sabemos com clareza se por consciência da beleza étnica ou por influência de modismos. Modismo ou não, o que importa é que se exiba nas ruas a beleza da mulher negra resistindo a um determinado conceito pré estabelecido e valorizando as tradições de sua origem africana, mesmo que esse comportamento seja apropriado pela classe dominante como o uso de cangas, saias pareô, estampas florais de cores fortes características dos países africanos, imensos brincos de argola, madeira, osso ou cerâmica, sandálias de couro trançadas nas pernas. O que vale é mostrar para o mundo que não é pela vontade arbitrária de uns que a cultura do outro morrerá, ao contrário ela se recria e se reafirma a cada dia, a cada tropeço, há um passo firme que o procede.

Somos moldados a não olhar com bons olhos aquilo que nos é estranho e diferente, daí o preconceito não estar relacionado apenas às etnias diferentes mas a tudo que a sociedade burguesa não vê no espelho (narcisicamente falando).

O homossexual, por possuir um comportamento sexual diverso do senso comum⁽⁵⁾, recebe uma limitação social. Suas práticas sexuais e afetivas devem ser executadas em um espaço altamente privado.

Assim como o negro o homossexual tem o seu comportamento vigiado pela sociedade, mas não é apenas o comportamento de ambos que sofre a restrição social. O desmerecimento é para o indivíduo. É no íntimo do indivíduo que se cultiva a idéia de inferioridade devendo ele reconhecer o "seu lugar" na sociedade. Se o indivíduo apresenta um comportamento diferente, deverá realiza-lo em um determinado espaço fechado, assim como os loucos⁽⁵⁾.

Sendo interna e externa, a castração e exclusão determina e ao mesmo tempo classifica o comportamento do indivíduo no espaço físico, sob uma aparente liberdade de expressão. Mas os olhares estão atentos como mostra muito bem Foucault em *Vigiar e Punir*⁽⁷⁾. Esses olhares são altamente condenadores, se voltam automaticamente para mirar os negros, homossexuais, loucos, "excêntricos" em geral.

As oportunidades de crescimento social, são para o negro muito pequenas, mas ele as contrói, assim como os outros excluídos (caso dos homossexuais). Luta contra as determinações sociais e conquista um espaço ainda que restrito e vigiado.

Quando o negro se destaca socialmente, ou seu destaque é menosprezado, ou é usado como exemplo da democracia burguesa que dá oportunidades iguais a todos. As diferenças não são sociais e sim individuais, aqueles que não se destacam é porque desprezaram as oportunidades que a sociedade lhe ofereceu.

Retomando a questão da diferenciação de classes sociais, seria o comportamento do indivíduo não negro pobre, diferente do comportamento do indivíduo negro?

Não poderíamos, de maneira alguma, negar a castração⁽⁸⁾ sofrida pelas camadas desfavorecidas economicamente, contudo, além da dominação econômica, há uma dominação cultural que incide associada a discriminação étnica, sobre o negro.

O fator cultural fica claro nas ilustrações de livros didáticos e sobretudo na ideologia veiculada pelas telenovelas onde o branco pobre casa-se com o branco rico eliminando as barreiras impostas pelas classes sociais. O negro no entanto, permanece do início ao fim como serviçal ou um marginal.

Isto contribui para uma diferenciação do enfoque do oprimido na medida em que o não branco identifica-se fisicamente com o dominante e vislumbra a oportunidade de ascensão social via casamentos interclasses; por outro lado, configura-se na

discriminação étnica intra e extra classes. É também pertinente à ideologia da democracia racial brasileira que julga ser o negro discriminado por ser pobre e não por ser negro. Se isto é válido por quê são tão poucos os negros nas universidades? Em uma população majoritariamente negra, por quê são tão poucos os negros ricos? Por quê essa democracia não permite que estudemos a história da Europa mas também da África?

Não há como aceitarmos a democracia racial. O negro é discriminado duplamente: por ser negro e por ser pobre. Caso não seja pobre, sua condição de negro é incansavelmente lembrada.

A historiadora Silvia Hunold⁽⁹⁾ em um artigo sobre trabalhadores escravos, mostra de maneira clara, os objetivos da ideologia racista. Segundo a historiadora, em fins do século XIX (...) "noções eugênicas, que buscam um pretenso "aprimoramento da raça" foram empregadas para transformar a questão do controle do trabalho e do trabalhador em uma questão racial"(...)

Deste modo o racismo passa então a legitimar a exploração do trabalhador escravo, legitimando também a exploração do liberto excluindo a população negra do mercado de trabalho. Essa questão é agravada com a instituição do trabalho livre imigrante que tornou a mão de obra do negro inapta.

Essa ideologia persiste ainda contra os trabalhadores negros que vivem uma restrição constante à sua mão de obra sendo esta utilizada em larga escala nos trabalhos que exigem um esforço físico grande e pouca aplicação de raciocínio. A participação do negro em trabalhos intelectuais e burocratizados é ínfima se considerarmos o contingente de pessoas negras em nossa sociedade.

Onde poderíamos encaixar a "democracia racial" brasileira?

II A CULTURA NEGRA

No ano de 1.978, houve a unificação dos movimentos e entidades negras. Seus objetivos eram: combate ao racismo, luta contra a discriminação e o preconceito racial e toda forma de opressão, mobilização na luta de emancipação política, econômica e cultural.

Há quem critique o Movimento Negro Unificado acusando-o de veicular uma ideologia contra-racista, ou seja, um racismo às avessas. Não pretendemos alongar-nos em discussões à esse respeito, mas pretendemos ler o Movimento Negro Unificado como um grito de alerta a sociedade. Seu programa de ação mostra uma interpretação da exploração da mão de obra do negro tornado escravo, dentro do sistema capitalista. A consciência da exploração do escravo é nítida e mostra também, ciência à respeito da ideologia da democracia racial como fator de exclusão social.

O Movimento Negro Unificado lança propostas de ação possíveis a longo prazo pois implicam em autocrítica e mudança das mentalidades e sabemos ser o processo de mudança das mentalidades historicamente lentos.

Segundo o programa de ação do M N U, através da cultura o homem se relaciona com a natureza e com seu semelhante. A produção da cultura é inerente ao homem e por ela vemos a determinação das relações de trabalho, das relações de produção e distribuição da mesma, as relações de poder, ou seja, as diferentes hierarquizações existentes em culturas diversas (10).

Novamente retornaremos ao Brasil colônia. A imposição cultural européia atingiu a América do Sul como uma Bomba Atômica no século XVI, deixando atrás de si apenas resquícios de civilizações primitivas e algumas manifestações culturais que resistiram ao massacre.

Vivemos em uma sociedade capitalista que possui poderes de um Midas, transforma tudo em lucro⁽¹¹⁾. Deste modo torna folclóricas as manifestações culturais espontâneas subestimando-as e ressaltando como verdadeiras a visão de mundo burguesa (principalmente a ocidental).

A cultura negra sofreu grande opressão no Brasil daí seu caráter defensivo de resistência frente a um processo de "branqueamento" que coloca a cultura negra como inferior à cultura européia, tornando-a um polo negativo. Nesse sentido, observamos uma relação de ambiguidade: a cultura negra é inferior e negativa ao mesmo tempo em que é apropriada e vendida? Só se vende o que tem valor de compra, não é verdade?

Uma vez transformada em folclórica, a cultura negra é comercializada dentro e fora do Brasil. Vários turistas vêm ver "o que é que a baiana tem".

Em Uberlândia, como em outras cidades brasileiras, temos a sobrevivência das congadas africanas, das folias de reis e do já tradicional carnaval.

A Prefeitura Municipal de Uberlândia através da Secretaria Municipal de Cultura tem feito doações⁽¹²⁾ de verbas para a manutenção destas manifestações, ao mesmo tempo as vem controlando e organizando no intuito de preservá-las enquanto manifestações folclóricas.

A congada não é respeitada enquanto manifestação religiosa afro-brasileira, recebe também uma conotação folclorizada, o que não agrada em nenhum momento seus participantes.

Em um trabalho de observação com os grupos congadeiros, espantou-nos a frase de uma repórter de televisão que fazia a cobertura do evento. No momento em que foi elevado o mastro com a bandeira de Nossa Senhora do Rosário, protetora dos negros, a referida repórter observou com espanto: "Gente! A Santa é branca??!!"

Podemos analisar esta frase através de dois caminhos. Primeiro mostra certa segregação. A autora da frase imaginou ser negra a Santa dos negros, ou seja, cada um tem o seu "lugar" na sociedade, há coisas de brancos e coisas de pretos.

Por outro lado podemos observar a imposição cultural e religiosa do branco europeu sobre o negro, afinal o sincretismo foi uma forma que o negro encontrou de preservar seus cultos, sua hierarquia religiosa que o congo encerra.

No que diz respeito ao carnaval, é público e notório que tenha se transformado em uma indústria cultural.⁽¹³⁾

Desde que a Prefeitura tomou a si a organização do carnaval em Uberlândia, a população não pode mais assistir aos desfiles de suas escolas gratuitamente como outrora.

A avenida escolhida pela Prefeitura para as apresentações é enfeitada por especialistas em decoração e os lugares são vendidos para a população assistir aos desfiles. Mais uma vez a organização do espaço público escamoteia a dominação e o etnocentrismo representado pela folclorização e apropriação de uma manifestação afro-brasileira.

Mas mesmo sendo apropriadas comercialmente, as escolas de samba têm para os negros seu sentido próprio. Não é apenas diversão durante três dias para esquecer a crise, o cansaço e a repressão social, política e econômica - como as pessoas em geral auto definem sua participação no carnaval.

O carnaval tem, na análise de Clóvis Moura⁽¹⁴⁾, o sentido de ativar a consciência étnica, o espírito associativo. Serve também como pontos de reunião. Moura observa, neste mesmo trabalho como o carnaval oficial apreende essas escolas de samba. Ao seu ver, (...) "estimulam o colossalismo quantitativo (...) escolha de sambas enredos com temas pouco representativos (...) figuras exageradas (...) crise econômica, cultural e de memória étnica (...)".

Os carnavalescos se preparam durante o ano todo. É como se durante o ano todo eles desaparecessem magicamente e reaparecessem no sábado de carnaval.

Os ensaios não são vistos com bons olhos pela sociedade. Representam bagunça, desordem, barulho e vadiagem e sob o pretexto do barulho que fazem, a população faz suas reclamações, escamoteando seu conceito de desordem e bagunça relacionada ao negro.

Enfim chega o carnaval e como que por encanto, as escolas de samba são vistas agora de maneira positiva e diríamos até, com orgulho pela sociedade.

O que faz com que as pessoas ajam assim com relação aos carnavalescos? O que dá sentido a essas duas posturas antagônicas com relação à mesma proposição?

Michel Foucault⁽¹⁵⁾ faz uma análise interessante sobre a exclusão social na Idade Média. Inicialmente, discute como o desaparecimento da lepra no século XIV resultou não

dos cuidados médicos já que os leprosários(...) "esses lugares obscuros e esses ritos que não estavam destinados a suprimi-la numa exaltação inversa". E continua discutindo que aquilo que permanecerá além da lepra serão os conceitos a ela aderidos ' (...) "são os valores e as imagens que tinham aderido à persona gem do leproso; é o sentido da exclusão".

Assim, o leproso é visto nessa sociedade marcadamente clerical, de maneira ambígua como uma manifestação de Deus. A salvação de sua alma depende da lepra que lhe desfigura o corpo privando-o do convívio com os outros homens. O bom cristão expulsa o leproso da porta de sua casa negando-lhe auxílio, com isso, ajuda-o em sua subida para o calvário, porta sem a qual não ganhará a salvação eterna.

Ao mesmo tempo em que é repellido, é sagrado. Sob o véu religioso observamos as exclusões e o controle social sobre certos grupos.

Com o desaparecimento da lepra, as casas de correção, presídios, sanatórios e albergues tomam seu lugar e sob o mesmo discurso ideológico, agora baseado na filantropia além da medicina e da religião, essa massa socialmente improdutiva é controlada. O véu religioso permeia e entrelaça essas relações sociais do final da Idade Média.

Karl Marx⁽¹⁶⁾ no manifesto comunista, contrapõe a sociedade feudal à burguesa no seguinte aspecto: (...) "A burguesia" estirpou da família seu véu sentimental e transformou a relação familiar em simples relação monetária (...) em lugar da exploração mascarada sob ilusões religiosas e políticas ela' colocou uma exploração aberta, desavergonhada, direta e nua". Neste trecho do manifesto comunista, Marx vê a sociedade burguesa rasgando os véus políticos e religiosos que encobriam a exploração e dominação, a burguesia põe a nu sua exploração e

conômica sobre a classe trabalhadora proletarizando até mesmo o trabalho intelectual.

Contudo, ainda que na Idade Média segregava-se categorias não produtivas como leprosos, mendigos ou loucos em nome de Deus - desconsiderando-se a idéia de controle social; na sociedade burguesa observamos "véus" que encobrem as atitudes desta sociedade. Véus esses, que não são essencialmente religiosos como na Idade Média Feudal, são classificados hoje no âmbito socializante: assistência social^(v), medicina e odontologia social, ação social, etc. Temos hoje em nossa sociedade, inúmeros presídios, casas de correção para menores, orfanatos, manicômios (que apenas asilam as pessoas que apresentem um comportamento anticonvencional, administrando-lhes drogas e eletrochoques que invalidam sua capacidade de expressão espontânea), casa de recuperação de drogados e alcoólatras, lares que abrigam mães solteiras, albergues, internatos além de clubes de mães, Lions e outras associações ou entidades afins.

Todas essas instituições possuem um propósito comum: ajudar as pessoas material ou espiritualmente.

Mas quais são os maiores beneficiários do que denominaremos sanitarização social? A sociedade que com isso consegue manter a ordem, ou os excluídos? Há uma clareza e transparência nos interesses da burguesia?

Em alguns aspectos sim. Quando se fala em crimes ou agressões contra o patrimônio (a propriedade privada) ou contra pessoas (sequestros, mortes, crimes contra a moral e os bons costumes) o pensamento coletivo se faz claro: faz-se necessária a exclusão das pessoas que transgridem as leis para a tranquilidade e o bem estar comum. Nesses casos não se vê uma necessidade em mostrar uma falsa preocupação com a recuperação social do indivíduo. Salvo ser o transgressor mem-

bro das classes mais favorecidas, aí, as coisas mudam de figura. O véu é vestido e novas regras são forjadas.

Nas demais instituições burguesas como os orfanatos' passa-se a idéia de um benefício incomensurável que a sociedade proporciona ao indivíduo dando-lhe a oportunidade de tornar-se um homem de bem. As contradições sociais que levaram os indivíduos a conceberem filhos sem a prescendência de uma reflexão que lhes proporcionasse a capacidade de opção, não é discutida, ao contrário, ocorre uma apropriação das crianças abandonadas garantindo assim mão de obra disciplinada pois o indivíduo improdutivo (deficientes físicos e mentais e presidiários) apresentam um alto custo para o Estado.

Outro aspecto a comentar é o fato dessas instituições filantrópicas materem a miséria crônica controlada pois as pessoas sabem que a qualquer momento poderá aparecer alguém para mitigar-lhes a fome em nome de Deus e do bem estar' comum (social).

Como pensar em relações sociais explícitas, claras e "nuas"? Estaria o controle social burgues despido de véus?

O que há de pertinente entre a recuperação histórica que estamos fazendo e o comportamento ambíguo identificado nas pessoas com relação ao carnaval brasileiro?

Novamente indagamos: quais os motivos que levam as pessoas a abnegarem a "bagunça" das escolas de samba durante o ano todo e quando enfim chega o carnaval olham-nas com orgulho e admiração? Nossa reflexão aponta-nos dois aspectos.

Inicialmente, encheremos a disciplinarização social, os espaços de "bagunça", são pré determinados no tempo e no espaço facilitando o controle já que se sabe de antemão sua localização.

Esses espaços são oferecidos pela burguesia pois esta sabe o estado de tensão que se cria e recria todos os dias no cotidiano da luta de classes, sevem como válvula de escape ao caldeirão fervilhante da sociedade de classes.

Se esses espaços fugirem ao controle social, incomoda as pessoas já que introjetaram em si o germe da obediência e disciplina. Mesmo pertencendo às classes exploradas pensa como a burguesia e detesta "bagunça", afinal tudo tem sua HORA e LUGAR.

O segundo aspecto guarda relação com o primeiro. O homem resiste a ordem que lhe é imposta, mas o movimento do capital desenvolveu meios de reafirmar-se através das contestações e crises. Hoje o capital apropria-se das manifestações espontâneas e dos movimentos de resistência transformando mesmo as idéias contrárias a ele em mercadoria. Exemplo disso são: a comercialização de livros ditos de esquerda e o marketing jogado sobre o movimento de contestação social e política do hippies na década de sessenta, transformando as batas, vestidos amplos e peças artesanais em couro e cerâmica em moda vendida em larga escala ainda hoje, trinta anos após. A moda proletária também está sendo utilizada. Vende-se roupas rasgadas e remendadas com manchas por um preço exorbitante nas boutiques mais caras do país. Isso corre também para dar uma falsa idéia de igualdade entre as pessoas que ao saírem às ruas, estão praticamente vestidas da mesma maneira, só que algumas por opção e a grande maioria por falta de opção já que seus salários não lhes permite escolher a moda que gostariam de usar. Usa-se o que tem.

O carnaval, enquanto movimento cultural espontâneo sofreu também uma apropriação mercantil transformando-se em uma indústria cultural.

E não há como separar o homem de sua cultura ainda que ao longo da história da humanidade, grupos dominantes tenham tentado de diferentes formas.

Assim como sua cultura, o homem é também objetificado. Essa indústria cultural exporta os sambas, os sambistas (principalmente as passistas), e o carnaval como um todo conseguindo preencher dois espaços simultâneos: tenta descaracterizar o carnaval brasileiro enquanto movimento cultural de sobrevivência da cultura africana e obtém lucros com a sua comercialização.

Mas a idéia que passa para a sociedade brasileira é de que o "nosso" carnaval é o melhor do mundo e devemos nos sentir orgulhosos de sermos convidados a mostra-lo para as outras nações.

Permeia neste discurso uma neutralidade e ao mesmo tempo interesse e dedicação à cultura brasileira por parte dos governantes. Esse mesmo discurso respalda o orgulho da sociedade burguesa com relação às escolas de samba durante o carnaval. É também nesse momento que a escola de samba passa de "bagunça" para o evento mais importante do país, assumindo assim seu caráter ambíguo por excelência.

Como na Idade Média, a exemplo dos leprosos, os negros, excluídos durante o ano todo, passam a receber as atenções de toda a sociedade que os vê agora de forma positiva e digna.

Tentamos aqui não a formulação de respostas, mas a palavra que ressoe infundavelmente incomodando nossas mentes. Buscamos levantar a poeira(ou véus segundo Marx) que se assenta sobre as relações oficiais e não oficiais da sociedade brasileira e porque não dizer também, burguesa.

Apenas para finalizar este capítulo, gostaríamos de retomar a questão do sincretismo religioso e comentar também sobre o lazer do negro uberlandense.

O sincretismo mostra de um lado a imposição religiosa européia, mas mostra também a resistência do Negro frente a essa dominação.

Mesmo acontecendo de forma complexa, a participação social do negro se faz presente e ainda que "embranquecida" segundo o conceito da sociologia, não se poderá jamais negar sua condição de resistência ao status quo.

Marilena Chauí⁽¹⁸⁾ mostra em seu livro *Conformismo e Resistência*, dois aspectos que norteiam o preconceito racial quando se fala em religiões afros. (...) "Além do discurso médico, também o sociológico se encarrega da estigmatização: agora o que torna a religião afro indigna ou menor é seu "embranquecimento" a perda da pureza africana originária, a quebra da tradição, numa palavra, o "sincretismo".

Discordamos da teoria de que o "embranquecimento" descaracterize a resistência. Atrás do aparente conformismo, a religião afro se opõe a ordem pré estabelecida. Ao contrário da religião oficial, a afro faz com que o sagrado desça ao humano, o santo é quem baixa, não é o fiél que eleva-se em orações e espírito a um só Deus, mas a instância sagrada e politeísta desce sobre o pai ou mãe de santo. A instância sagrada realiza-se na terra durante a vida do pai ou filho de santo, contrariando a idéia de vida plena após morte terrena apregoada pela religião oficial.

O caráter curandeirista da religião afro é atacado pela ciência de modo que tanto pela religião oficial quan

Página não encontrada no original.

tam-se a festinhas nos seus bairros, festas em família (casamentos e aniversários), rodinhas de samba, ensaios de congadas, ensaios de carnaval.

Ainda assim, o indivíduo proletário branco tem a possibilidade de frequentar os bares elegantes da cidade, desde que estejam trajando as roupas que o momento e o lugar exijam, com o corte de cabelo no modelo adequado à classe burguesa. Sob essa condição disciplinizadora, o proletário não negro poderá se "misturar" ao que aqui se chama sociedade local⁽¹⁹⁾.

E o indivíduo negro?

Com certeza não passará despercebido, nem mesmo agindo e se portando de acordo com os ditames sociais. "Lugar de negro é lugar de negro" e isto é sempre deixado bem claro na cidade em que vivemos. O negro rico é aceito, mas a cor de sua pele não é esquecida.

Uma de nossas entrevistadas narra algumas experiências nesse sentido. Segundo ela, ao entrar em um bar elegante da cidade, juntamente com amigos de cor branca, notou que todos se voltaram na sua direção. A entrevistada é alta, elegante e usualmente, trança seus cabelos à africana, carrega em si os traços marcantes de sua origem africana. Este torna-se um fator um tanto significativo se pensarmos sob o ponto de vista hierarquizante do conceito racial brasileiro.

Conforme o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) existem no Brasil: negros, mulatos, pardos e brancos. Considerando-se que negros são todos aqueles que carregam na cor da pele, nos cabelos ou nos traços físicos características da etnia negra (africana), questionamos a hierarquia baseada na diluição desses caracteres re

sultantes da miscigenação . Essa hierarquização, nada mais faz do que reforçar o preconceito contra o outro com interesses de dominação econômica⁽²⁰⁾.

Infelizmente, essa teoria de inferioridade étnica dá respaldo a seleção das pessoas no mercado de trabalho. Nossa pesquisa mostrou-nos que o elemento negro tem dificuldades ligadas a sua etnia para entrar no mercado de trabalho.

O maior número de negros encontra-se nos serviços braçais: construção civil, chapas, capinadores, empregadas domésticas, lavadores de carro, mecânicos, borracheiros. Na rede bancária existem alguns mas apenas nos bancos estatais e no serviço público municipal, estadual e federal sua participação se faz majoritariamente nos cargos subalternos, o número de negros exercendo cargos de chefia é bastante reduzido.

As lojas de calçados, eletrodomésticos, supermercados e boutiques da cidade, raramente empregam negros como vendedores ou auxiliares de escritório. Nas lojas pertencentes a grandes grupos ou multinacionais como Lojas Americanas, Lojas Marisa, Lojas Cintia, Carrefour e Pão de Açúcar, observamos um maior aproveitamento da mão de obra negra de maneira mais homogênea. O negro exerce diversas funções pois é selecionado por critério mais amplos quer seja, os interesses de reprodução do capital são prioritários. Não há uma relação de dependência pessoal (apadrinhamento) para se ter acesso à esses conglomerados, dá-se mais atenção à eficiência do trabalhador.

Mas considerando-se a realidade social uberlandense como um todo, fica clara a divisão étnica do trabalho. Essa divisão acarreta uma divisão econômica e conseqüentemente a uma divisão também étnica do espaço urbano.

Em Uberlândia existem alguns locais de concentração de pessoas negras. Alguns bairros são tradicionalmente "negros" como o Bairro Patrimônio, TiberY, altos da Santa Mônica, Leão XIII e Martins.

Nos últimos dez ou quinze anos com o crescimento econômico e populacional houve a necessidade de ampliação do número de moradiaa populares já que a classe média vinha "invadindo" os bairros acima citados. Conjuntos habitacionais foram construídos nas periferias da cidade empurrando a população pobre e sobretudo, negra, para oss bairros mais distantes como o caso do Jardim Brasília (que conta inclusive com a presença de uma favela), Parque São Jorge, Tocantins, Daniel Fonseca, Jaguá onde notamos um grande contingente de pessoas negras.

Nos bairros mais próximos do centro da cidade, a presença do elemento negro dilui-se sensivelmente. Basta observar os bairros Altamira, Lídice, Brasil, Aparecida, Tabajaras, Santa Maria, .Contudo, temos bairros em que mesmo sendo próximos do centro da cidade há uma tradição negra nele enraizada. Neles a população classe média tem a "obrigação" de se adaptar aos seus costumes e a sua presença marcante. É o caso do Bairro Bom Jesus, Santa Mônica, Patrimônio, TiberY e Saraiva. Não é coincidência observarmos nesses bairros a presença de grupos de escolas de samba, grupos de congada, grupos capoeiristas e de folias de reis.

Em Uberlândia, a organização e distribuição do espaço urbano está nitidamente de acordo com a distribuição da ren

da, melhor dizendo, atende aos interesses do capital. O que vale observar é que essa vontade imperiosa do capital tem ' de curvar-se frente ao ser humano como o caso dos grupos de concentração negra que citamos no parágrafo anterior. Isso dá também provas da resistência humana ao pré estabelecido.

Pretendemos concluir nosso trabalho tocando em um assunto polêmico no Brasil: a Educação.

O termo educar tem um conceito abrangente segundo o dicionário de língua portuguesa. Educar: 1- estimular, desenvolver e orientar as aptidões do indivíduo de acordo com os ideais de uma sociedade determinada; 2- aperfeiçoar e desenvolver as faculdades físicas, intelectuais e morais de ; 3- ensinar, instruir; 4- domesticar, adestrar.

No Brasil, o sentido da educação tem sido o último no conceito acima descrito. Serve mais para domesticar e adestrar o indivíduo pois não possui uma educação libertadora que ofereça meios para que o indivíduo desenvolva suas potencialidades e faça suas opções de vida material e espiritual.

A educação clerical(Jesuítica) deixou no Brasil seus traços. Aliando-se a isso, tivemos a reforma de ensino(a famosa lei 5692), que esvaziou os conteúdos que não lhe interessavam guardando apenas aqueles que ofereciam condições para melhor adestrar o indivíduo somando-se ao ensino, conteúdos que garantiriam a reprodução do capital. Estamos nos referindo a reforma educacional voltada para a profissionalização dos brasileiros. Várias escolas técnicas foram construídas no país para atender a emergente industrialização do país e o discurso veiculado era o de que

Com a industrialização as condições de vida de toda a sociedade melhoraria já que aumentaria a oferta de empregos fazendo com que a riqueza circulasse de maneira democrática tanto para o industrial quanto para o operário.

É sob esse discurso que o país assistiu ao êxodo rural na década de quarenta, mudando a estrutura do país até então agrário para urbano.

As cidades, principalmente São Paulo e Rio de Janeiro incharam-se e não possuindo estrutura para acomodar tantas pessoas em um curto espaço de tempo, foram surgindo as favelas, os subempregos que apenas disfarçam a miséria crônica, a mendicância e como reflexo, também o alcoolismo, a prostituição, o bandidismo, em suma: a marginalia urbana estava consolidada.

Qual a essência da educação brasileira? Onde repousam seus objetivos?

Os conteúdos oferecidos nas escolas são desvinculados da vida concreta do aluno. O ensino de História do Brasil é oferecido com total descaso e repugnância causando dois problemas: a extrema valorização da história da Europa e dos países norte-americanos, por outro lado, torna fechada e limitada uma disciplina altamente reflexiva. (21)

A geografia torna-se também desinteressante pois não há integração de conteúdos tornando não apenas a geografia como todos os outros conteúdos, sem sentido para a realidade do aluno. Não se trabalha em geografia com os contrastes físicos e humanos característicos da diferenciação de classes; de como a política de ocupação do solo na cidade do aluno interfere diretamente em sua vida cotidiana (principalmente em uma cidade como Uberlândia em que a ocupação do solo tem caráter altamente espe-

culativo).

O mesmo acontece com o ensino de história nas escolas oficiais. Há uma coerência com a sociedade burguesa em que vivemos já que não existe neutralidade na escola, ao contrário, a escola é uma instituição mantenedora e legitimadora da ordem burguesa. Deste modo, a história que estudamos e ensinamos é a história dos vencedores - a História da Europa.

É sob esse ângulo que os agressores e posseiros da América Latina (Espanhóis e Portugêses), são transformados em heróis e bemfeitores. Devastaram florestas, saquearam metais, mataram autóctones, traficaram e escravizaram negros e o que dizem? Afirmam não terem devastado florestas, apenas trouxeram o progresso. Não saquearam metais, descobriram as riquezas minerais ociosas. Não mataram habitantes primitivos, foram dizimados por serem preguiçosos. Não escravizaram negros fizeram-lhes o bem pois ofereceram-lhes a salvação de suas almas através do sacrifício corporal e da catequização. Jesuítica.

Quase cinco séculos se passaram e hoje discute-se a causa do índio como se os mesmos tivessem surgido do nada, como se sua dizimação e apropriação de suas terras houvesse se iniciado ontem. Assim como a causa indígena, a ecologia está em moda. Seminários, debates, artigos de jornais e revistas e até mesmo artistas discutem a questão ecológica sem passar pela questão da devastação promovida pela colonização.

Agora, infiltremo-nos no espaço físico da escola. Observemos sua estrutura física e suas regras.

O simples manuseio de uma revista, livro ou jornal familiariza a criança com o material impresso, com as figuras e as letras.

Como poderíamos esperar de uma criança que nunca viu um livro em sua casa o mesmo comportamento e desenvolvimento que a criança mais favorecida?

Não há ilusões quanto a isso. As diferenças individuais não são repetidas no desenvolvimento do desempenho do aluno e as diferenças de classe não são consideradas.

As crianças são vistas sob o mesmo plano. É como se ao matricular-se em uma escola, todas as diferenças e desigualdades fossem suprimidas e os uniformes que usam penetrassem também seu espírito, sua alma, sua cultura tornando todos iguais' interna e externamente.

Desse modo a evasão escolar das classes desfavorecidas se faz já nas primeiras séries, a repetência também é um fator constante. Mas a criança se sente excluída da escola' e a repetência se dá devido a dificuldade de entenderem conteúdos teóricos e sem sentido já que além de desvinculados de suas realidades, não há integração dos conteúdos e nem relação' entre teoria e prática.

Seria então uma falha da escola burguesa?

O que se nos apresenta como falha são vitórias da sociedade burguesa pois é esta escola, com este esquema de atuação que a mantém ideologicamente enquanto classe dominante. Suas falhas são atribuídas a incapacidade individual das pessoas ou seja, se o aluno é reprovado a culpa é atribuída apenas e tão somente a ele. O alto índice de evasão escolar se deve à preguiça do povo brasileiro que gosta apenas de samba, futebol e carnaval.

O que fica incluso e embutido é como a escola exclui os alunos pobres beneficiando as crianças ricas. A criança po-

bre é duplamente excluída pela sociedade: primeiro pela estrutura interna da escola e segundo porque tem que entrar muito cedo no mercado de trabalho para complementar a renda da família.

A criança negra enfrenta também um duplo problema : ser pobre e ser negra. É excluída pelos dois motivos. O elemento negro é mostrado apenas sob um aspecto negativo, como escravo passivo, como homens e mulheres de sangue quente sem nenhuma preocupação espiritual ou capacidade intelectual, libidinosos com costumes estranhos e uma subcultura.

A religiosidade negra não é mostrada, a cultura de resistência nem sequer é mencionada. A África enquanto espaço geográfico não existe, apenas a Europa.

O negro não é mostrado como força de trabalho determinante na construção da sociedade brasileira sob aspecto material e cultural. São heranças africanas as palavras terminadas em ão, os doces de coco, banana, goiaba e manga. A feijoada o vatapá, o baião de dois, o samba, o batuque, o pagode, a marchinha, o cateretê, o desafio, o improviso. A cantiga de ninar, as lendas, as parlendas, os ditados populares. A medicina popular, as benzições, as rezas bravas, as mandingas e os patuás. As danças e a capoeira.

Mas se agimos como se nada disso existisse, como poderá o negro ter orgulho de si mesmo?

Um caminho para libertar-se dessa opressão seria abandonar essa escola e manter-se junto aos seus, integrando-se à seu ethos que o acolhe e dá sustentação para impor-se enquanto ser humano à despeito da sociedade que o discrimina. Preservando seus costumes e valores ainda que apropriados industrialmente pelo capitalismo, não deixa em momento algum de representar o grito de vida do oprimido que foi sufoca-

do com intenções de morte, e este grito ecoa límpido além das fronteiras étnicas, sexuais e imperialistas pois a liberdade é buscada pelo homem até no segundo que antecede a sua morte física. E esse grito que nega a morte e resiste não apenas de maneira individual mas também coletiva e por isso continua sempre em uníssono no ocidente e no oriente, através de tantas bocas.

(...) "mas é preciso ter força
é preciso ter raça
é preciso ter gana sempre
quem traz no corpo essa marca
possui a estranha mania
de ter fé na vida (...)"

Milton Nascimento.

Apenas encerrando essa discussão sobre educação pensamos que a crítica deveria ser seguida de uma proposta nova de ação.

A Educação brasileira nos preocupa de maneira profunda, no incomoda porque pensamos se possível uma transformação social apenas se ligada à uma mudança educacional. Quando estamos incomodados, faz-se necessário um momento de reflexão seguido de uma ação transformadora. Nesse sentido gostaríamos de apresentar como sugestão de trabalho no campo da educação, um trabalho que concebemos, redigimos, montamos e apresentamos no primeiro semestre deste ano com um grupo de expressão cênica do curso de Artes Plásticas da Universidade Federal de Uberlândia.

Trata-se de uma peça teatral que poderá ser trabalhada por educadores oficiais e não oficiais. Poderá ser enriquecida com aspectos particulares da realidade da clientela em que estiverem atuando.

A peça denomina-se Folclorização e foi baseada nas experiências coletadas no trabalho de campo por nós desenvolvido no primeiro semestre deste ano e um poema do poeta Ti ão Lobo.

A peça será acrescentada nos anexos deste trabalho. Representa o suspiro deste ensaio que nos causou durante todo o processo de concepção e execução final uma paixão particularmente especial: a reflexão histórica de nossa essência negra e mística, negativizada e temida, necessária e desprezada enfim, uma essência de homens que fazem sua história através de suas relações com a natureza e com o outro. E o outro, mesmo sendo "o outro", não deixa de ser gente, continua sendo alguém. Alguém que traz consigo o grito, mesmo que em certos momentos esteja esse grito aprisionado nas bocas, não anula seu potencial criador e recriador de sua realidade e de sua HISTÓRIA.

CONCLUSÃO

Ao penetrarmos o universo das determinações sociais, o processo de engendramento das ideologias e em particular da assimilação e veiculação da ideologia racista, observamos alguns aspectos marcantes.

Tivemos imensa dificuldade na caracterização do elemento negro. Tanto por parte do não negro, quanto por parte dos descendentes dos negros. Quando os traços físicos diluem-se através da miscigenação, as pessoas tentam fugir da caracterização negra. Fogem não tanto por sentirem vergonha de possuir heranças negras em suas veias mas pelo que elas representam: a exclusão social.

O racismo não é um fator em si mesmo, está enserido em um processo de reprodução de capital. Para facilitar a dominação de uns povos sobre outros, com interesses econômicos, forjou-se uma ideologia que subestima a capacidade do elemento negro.

Essa ideologia é introjetada por toda a sociedade, tornando mais eficaz a subjugação. Nada mais fácil do que explorar alguém que traz consigo uma auto definição de inferioridade.

Tentamos ler o racismo uberlandense não através de relatos de casos de segregação, mas antes, inseridos em um contexto burguês de reprodução capitalista.

Abordamos com isso questões que transcendem a determinação econômica das relações econômicas pois acreditamos ser impossível separar o homem de sua cultura e de sua produção material e espiritual. Apesar do trabalho alienado da sociedade capitalista, o homem sofre ao alienar-se de seu produto e a experiência dessa alienação passa através de seus sentidos e reflete-se na sua atuação no mundo. Atuação que se processa de diferentes modos: atuação marginal, louca, alienada, medíocre, excêntrica, produtiva, sagrada, mísera, proletária, criativa, e, alternativa.

Não há como separar o homem espiritual do homem material. O homem aliena-se do resultado de seu trabalho, mas isto não se faz sem lágrimas. -E cremos que cada um, possui a sua maneira de expressar suas lágrimas e são justamente essas lágrimas que denominamos de capacidade intrínseca de resistência do homem.

Se nosso trabalho deixar alguns questionamentos, gerar polêmica e deixar perguntas no leitor, teremos alcançado nossos objetivos: incomodar as consciências.

Esse trabalho é o resultado de entrevistas, pesquisas bibliográficas e várias reflexões e troca de idéias.

Notamos no uberlandense uma imensa dificuldade em falar sobre o negro. Tanto o uberlandense negro como o não negro sentem dificuldade em discutir a questão da cultura negra do lazer, da educação, do mercado de trabalho, dos movimentos de consciência negra, da caracterização étnica.

A idéia de progresso desenvolvimento e ordem faz da cidade um atrativo para imigrantes. A cidade cresce, a especulação imobiliária empurra pobres e principalmente os negros

para as periferias da cidade. O centro permanece limpo e ordeiro. Os pedintes e menores abandonados são recolhidos pela Prefeitura Local.

Os imperativos da reprodução do capital segrega as pessoas encerrando-as em empregos pré-determinados, assim como, seus desejos são construídos, novas necessidades são criadas, porém essas necessidades aumentam o consumo das mercadorias não essenciais à vida humana criando-lhes a ilusão de igualdade de condições, de possibilidades de escolha.

Assim como o racismo, a miséria e a pobreza também são evitadas como tema. Tudo que represente atraso ou retrocesso é negado. A pobreza escandaliza, a homossexualidade é negada, o racismo é negado e em nome do progresso, recolhem os mendigos, constroem bairros nas periferias da cidade para esconder a pobreza, derrubam prédios antigos e constroem shopping luxuosíssimos.

Nesse universo capitalizado, o negro também é excluído, não representa em momento algum o progresso e o desenvolvimento. Sua exclusão é menos por imperativos racistas que por conta dos interesses do capital, não desprezando com isso a utilização ideológica do racismo com vistas à reprodução do capital e a dominação burguesa.

Enfim, observamos que o homem pobre é totalmente excluído enquanto sujeito de sua história, o homem negro é excluído por ser pobre e por ser negro. Carrega em si um duplo esteriótipo negativo, contudo, mesmo que lhe seja negada sua participação na sociedade uberlandense, essa participação não é anulada, ao contrário, canta em voz entoada nas rodas de samba, chora nas creches e orfanatos, reza nos terreiro e nos pontos de coletivos, pede uma ajuda para comprar um remédio, mas seu

remédio, acreditamos nós, ainda que de modo sonhador, está em uma sociedade realmente justa onde as diferenças não sejam legitimadoras das desigualdades.

MARIA ISABEL PEREIRA SILVA

DEZEMBRO DE 1.990

N O T A S

- (1). O Racismo é um termo um tanto quanto questionável, já que no gênero humano há uma só raça: a raça humana. Poderíamos chamar de etnias diferentes o que se denomina usualmente como raça diferente.
- (2). Expressamos aqui uma observação generalizada sem perdemos de vistas as excessões e os comportamentos contrários.
- (3). Segundo o que é aceito socialmente como belo. Quando falamos dos padrões de beleza na sociedade burguesa, não negamos que outras sociedades não possuam os seus. O que é marcante na sociedade burguesa é sua capacidade de transformar a "beleza" em mercadoria.
- (4). Moura, Clóvis - Organizações Negras. In: Camargo, Candido Procópio Ferreira de e outros, ed - SÃO PAULO: O POVO EM MOVIMENTO. 2ed. São Paulo, 1981. pp 143 - 175. Nosso conceito de etnia é pertinente ao conceito de ethos. Guarda relação com cultura, a relação do homem com a natureza e os outros homens. Ethos, segundo Clóvis Moura "transforma um estigma social em herança positiva.
- (5). Além de ser diverso do senso comum, o comportamento do homossexual é contraceptivo indo contra a ordem burguesa que vê o sexo como procriação, ou seja, formação de mão de obra e aumento de consumo.

- (6). . Foucault, Michel - História da Loucura. Ed. Perspectiva. São Paulo, 1.987. 2ed.
Foucault tem interessante trabalho sobre os excluídos em seu livro História da Loucura.
- (7). _____ - Vigiar e Punir. Ed. Vozes. São Paulo, 1977.
- (8) Usamos castração no sentido de limitação das expressões individuais espontâneas, nesse caso, o indivíduo tem um comportamento pré determinado. Foucault trabalha em vigiar e Punir com a história da violência nas prisões e trata da disciplina dos corpos.
- (9). Hunold, Sílvia - Trabalhadores Escravos. In: Trabalhadores. Campinas. São Paulo. V.1. pp 15-17, 1989.
- (10). Movimento Negro Unificado: Programa de ação. São Paulo, mimeo MNU, 1978.
- (11) . Berman, Marshall - Tudo que é sólido desmancha no ar. Cia. das Letras. São Paulo, 1986.
Berman analisa a capacidade que a sociedade burguesa possui de transformar as crises e os movimentos de resistência em movimentos de expansão do capital .
- (12). Falamos em "doação" porque as verbas vêm do próprio povo, não são verdadeiramente doadas e sim repassadas.
- (13a) . Adorno, T. W. e Horkheimer, M. - Dialética do Esclarecimento. Rio de Janeiro, Zahar. 1.985.
Adorno faz uma excelente análise da capacidade que o capitalismo possui de transformar a arte e a cultura em mercadorias na indústria cultural.

- (14). Moura, Clóvis - Organizações Negras. In: Camargo, Cándido Procópio Ferreira de e outros, ed - SÃO PAULO: O POVO EM MOVIMENTO. 2 ed. São Paulo, 1981. pp 143 - 175.
- (15). Op. cit. Foucault In: História da Loucura. pp 03 - 44.
- (16) . Karl Marx e Frederic Engels - O Manifesto Comunista.
- (17) . A cidade de Uberlândia, conta em seu terminal rodoviário com serviço de assistência social atuando como auxílio ao imigrante da seguinte maneira: as pessoas que chegam á cidade a procura de empregos e sem nenhum referência de parentes e amigos, sem dinheiro e sem ter para onde ir, são levadas para um albergue até que sejam liberadas passagens de retorno pela Prefeitura local.
- (18). Chauí, Marilena - Conformismo e Resistência- . Ed. Brasiliense. 2 ed. São Paulo, 1987. pp 121-179.
- (19) Foucault, Michel - Microfísica do Poder . Rio de Janeiro, Ed. Graal, 1979. Veja como o autor discute a disciplina rização das pessoas nos gestos mais sutis para consolidação do poder.
- (20). Rufino, Joel . - O que é Racismo. Ed. Brasiliense. São Paulo, 1984. O autor discute como o preconceito ligado a cor negra foi utilizado com interesses a dominação econômica.

(21). A reflexão leva à superação e a crítica. As pessoas passam a aspirar a transformação.

A N E X O

TEATRO POPULAR PARA A VERDADE E A PAZ

A ARTE DE SE COMUNICAR

"Teatro Popular nada mais é do que contar a nossa própria história através de gestos, palavras, músicas ... e fazer destas apresentações uma perfeita comunicação com o nosso povo.

Os passos que aparecem no teatro popular devem ser os seguintes:

1. mostrar a história como ela é - a realidade.
2. mostrar as consequências que ela traz.
3. mostrar a organização do povo para vencer esta situação.
4. mostrar as opiniões do povo sobre esta situação
5. mostrar o povo organizado vencendo as dificuldades e apontando ESPERANÇAS.

As pessoas que estão assistindo ao teatro popular, deixam de ser simplesmente espectadores, assistentes, e passam a ser atores também. Participam juntos: atores e público. A mesma história envolve a todos. Juntos buscam e encontram as saídas para vencerem as opressões que impedem a vida plena para todos nós.

O texto que é a mensagem que os atores passam para o público, deve mostrar os anseios e preocupações de quem assis

te.

Os atores no teatro popular, são companheiros nossos que procuram mostrar a realidade, através de gestos, palavras, músicas...discutem esta realidade e apontam saída..."

In: PELA ESTRADA - informativo das comunidades do Espírito Santo. Março de 1.989.

Nossa preocupação nesta pequena peça de teatro, é mostrar de maneira crítica como o treze de maio(libertação dos escravos), é visto nas escolas oficiais.

O elemento negro é mostrado apenas como escravo, ou seja, como um ser humano inferior. Não se enfatiza a figura do negro como elemento decisivo na construção do país, sua influência dominante nos vários setores culturais, religiosos, no vocabulário...

Estudamos a história da Europa. E a história da África?

Já que a maioria da população brasileira tem o cabelo encaracolado, o "bumbum" saliente e a tez morena, por que não sabermos nossa história?

Por que a cultura negra, quando reconhecida, é exportada como elemento folclórico?

Ao nosso ver a palavra folclore se torna problemática carregando em si uma série de idéias pré concebidas e encerrando um arsenal de sutilezas formadoras de um conceito negativo, dessa forma, folclore torna-se para nós uma palavra polêmica que poderemos discutir, em outras oportunidades.

F
O
L
C
L
O
R
I
Z
A
Ç
A
O



M
A
R
I
A

I
S
A
B
E
L

P
E
R
E
I
R
A

S
I
L
V
A

TICUMBI — Ilustração de José Lonzelctti.

Dançador do Ticumbi, bailado popular capixaba, versão da congada, onde pretos ricamente fantasiados, chefiados pelos reis Bamba e Congo, porfiavam entre si, desejosos de realizar o festejo em louvor a São Benedito, padroeiro dos pretos e dos destituídos da fortuna.

(In "Folclore Nacional" — Vol. I — Cap. II, de Alceu Maynard Araújo).

FOLCLORIZAÇÃO

Ato Único

No palco apenas uma mulher negra, de avental, curvada sobre uma bacia lavando roupas. Parece estar atarefada, com muitas roupas para entregar lavadas.

Entra uma criança(seu filho) com seus materiais escolares. Está cabisbaixo, entra, coloca a pasta sobre a mesa, senta-se no chão, tira os sapatos e fica com ar pensativo e intrigado.

A mãe estranha a quietude do filho e abandonando seus afazeres vai ver o que aconteceu.

A MÃE - Uai Tiãozinho, quê que aconteceu? Oê chego, não 'pediu a bença, não pergunto o que tem de comer e nem fico falando o que que a professora ensino pro'ces 'hoje. Oê feis alguma travessura e mandaram um bilhete pr'eu ir lá na escola?

TIÃOZINHO- Apenas permanece olhando a mãe. Observa-lhe os 'pés descalços, grosseiros e esparramados com unhas mal cuidadas, diferentes das unhas de Dona Terezi - nha sua professora. Olha suas vestes soltas, sob as mesmas um corpo musculoso, forte, largo. Diferente' das roupas de sua professora que tinha também um corpo miúdo e frágil.

Olhou as mãos grossas e grandes de sua mãe. Mãos 'calejadas que sabiam fazer guloseimas deliciosas, que faziam comidas maravilhosas, lhe batiam quando teimava e fazia travessuras mas que seguravam as

à noite quando tinha medo e fazia um cafuné tão gostoso que ele sempre dormia vendo os sacis, as mulas sem cabeça, os curupiras...

Olhou os cabelos da mãe envoltos em um turbante. Cabeleira vasta, negra e encarapinhada. Muito diferente dos longos cabelos loiros de Dona Terezinha.

A MÃE - Que , foi filho(em tom de preocupação). Você tá doente? Tá sentindo mal? Por amor de Nosso Senhor, me conta o quê que você tem.

Apalpa o filho para ver se está com febre, olha-o nos olhos. Ele continua tristonho olhando-a confuso.

A MÃE - (em tom carinhoso). Filho, diz pra sua mãe onde é que tá doendo? Tá com dor de dente?

TIÃOZINHO + (balança a cabeça negativamente, ainda cabisbaixo).

A MÃE - A barriga doeu de novo não foi? Te falei pra não comer doce quente, mais você é teimoso!

TIÃOZINHO - (faz que não com a cabeça).

A MÃE - Já sei! Seus coleguinhos já tão usando o tal livro que a professora pediu. Não preocupa não filho. Mamãe vai entregar essas duas malas de roupa limpas hoje, vai receber do doutô e compra o tal livro hoje mesmo pro'ce. A mãe prometeu num foi? Num liga não. Amanhã você most-

tra pra todo mundo que também tem o livro.

TIÃOZINHO - (começa a olha para seus próprios dedos, mania que tem desde criancinha quando algo lhe aflige ou quando sente-se em situação de perigo)

A MÃE - Hi! Pode falá filho. Num é nada do que tô pensando, num é? Fala pra sua mãe, nós dois somos um pelo outro, num é isso que eu sempre te falei desde pequenininho assim? Mamãe jura que não te castiga, num zanga. Conta pra sua mãe o quê que ocê tem?

TIÃOZINHO - (olha bem nos olhos de sua mãe e pergunta:)

Mãe, ser preto é ser feio?

A MÃE - Uai , não filho. Ser preto pe ser diferente do branco, mas ser diferente não qué dizê que o branco é bonito e o preto é feio. Qué dizê que cada um tem seu jeito de comê, de dançar, de rezar, de falar.

TIÃOZINHO - Então por quê o preto fôï escravo do branco? Por quê o branco era mais importante? Por quê Deus quiz ? Por que ele também é branco? Eu vi Ele lá na Igreji - nha. Ele é branquinho de olho z azul e com um cabelão' e uma v barbona comprida.

A MÃE - Não filho, Deus não quiz. Os homens brancos é que apri - sionaram os negros e obrigaram eles a trabalha de gra

ça com surra de chicote e muitos castigo que nem gosto de lembrá. Agora, o Deus que ocê viu na Igrejinha, é um Deus que o homem branco imaginou. Os negro também tem sua religião, só que ela também é diferente da religião do branco. Do mesmo jeito que cada família tem seu jeito de vivê e fazê as coisa, os negros também tem um jeito diferente de fazê as suas. Outro dia ocê num falô que na casa do Zequinha eles cumiam um tal de macarrão todo dia? Tá errado? Não! Só que é diferente do que nós come aqui em casa.

TIAOZINHO - — Mãe. Por quê meus colegas dizem que meu cabelo é de bombril, que meu beijo é de solapa e meu nariz parece uma batata? Eles ficam rindo e me chamando de negão. Ô negão vem cá, ô negão vai prá lá! A senhora disse que sê preto não é feio, é só que somos diferentes, então eles não sabem disso senão eles não ia me chingar, né mãe? Só que eu não quero mais ir na escola!!!

A MÃE - — Mais filho, ocê sempre quiz ir pra escola. cutô esperá interá os sete anos pra entrá na escola. Ocê tem que estudá prá num sê capinadô de roça que nem seu

pai foi a vida inteirinha até morrê de chaga no coração quando ocê só tinha ' um aninho.

TIÃOZINHO - __ Maeê.

A MÃE - __ O quê?

TIÃOZINHO - __ A senhora sabe que dia é hoje?

A MÃE - __ Claro que sei, hoje é quinta-feira e eu tenho que colocá o resto da ' roupa no arame prá podê entregá e com-prá seu livro. (volta então a lavar ' as roupas).

TIÃOZINHO - __ Não mãe. O dia do mês?

A MÃE - __ Sei lá meu filho, ocê sabe que sua mãe não tem estudo que nem ocê vai tê um dia prá podê lê uma purção de coisas pra mim.

TIÃOZINHO - __ Hoje é dia treze de maio. A profes-sora falô que é dia da libertação ' dos escravos.

A MÃE -

— Agora tô entendendo o tanto de pergunta que ocê me feis. Agora esquece de tudo e vai almoçar que mamãe fez quibebe de mandioca hoje pr'ocê.

TIACZINHO -

— Mãe, ela falô de escravo a aula toda. Falô que o negro era escravo do branco, era vendido e comprado. Que ele apanhava quando fazia o serviço mal feito. Que o negro era muito preguiçoso, por isso estava sempre apanhando. Que gostava de dançar e ficá andando quase nu fazendo bagunça nas senzalas onde eles durmia. Tinha uns donos de escravo que era mais mau e batiam nos negros demais.

Falô que a religião dos negros não era de Deus, era do demônio e por isso os donos de escravos buscavam padres e construíam Igrejas para mostrar pros negros o caminho da Salvação e mesmo assim os negros continuavam as escondidas com sua religião do demônio e por isso apanhavam também.

Um dia, a princesa Isabel ficou com pena dos negros e assinou uma lei pra que eles fossem libertados. Eu só não entendi uma coisa mãe. Se os negros eram tantos, por

que eles ficaram tão quietinhos, não fugiram e aceitaram apanhar quietinhos? Os pretos são menos inteligentes do que os brancos porque foram escravos? É por isso que os pretos hoje são todos capinadores, pedreiros e lavadeiras? A gente não vê professora preta, nem médico. Por quê hein mãe? Por quê a senhora não sabe lê e nossa casa é tão pequena?

A MÃE -

(coloca a última peça de roupa no arame e vai para a cozinha arrumar o almoço do filho).

— Filho, o negro não queria ser escravo e por isso fugia, se juntava e formava os quilombos. Como não tinha armas, inventaram uma luta chamada canoeira pra se defenderem. Dona Terezinha contou isso?

TIACZINHO -

— Não.

A MÃE -

— Os negros às vezes se negava a fazer o trabalho e apanhavam. Ficavam com raiva, e matavam seus donos ou então os capatais que seus donos contratavam para tomar conta deles; por isso eles eram considerados perigosos, mas na verdade estavam se defen

dendo. Como o número de negros foi aumentando no Brasil, as fugas e os crimes de negros foram também aumentando. Os negros se organizavam exigindo sua liberdade. Os brancos com medo, libertam os negros que ficaram jogados na rua sem condição de se sustentar. Aí, os brancos contrataram os italianos e os alemão para trabalhar nas suas terras. Aí os negros ficaram mesmo nas rua pedindo esmola, engaxando sapatos e fazendo todo tipo de serviço que o branco não queria fazer.

Até quando vai durar isso? Só você pode dar a resposta meu filho. Sentindo orgulho de sua cor, de seu cabelo, de sua arte e procura saber a história do seu povo. Olha o seu irmão negro com olho de negro e não com "olho de branco". Porquê você não tem na sua escola a história da África que é de onde um tantão de gente veio? Não é largando a escola e os e "lugar" de branco que vamos mudar a nossa vida, mais mostrando que somos seres humanos e temos o mesmo direito de vida.

Somos pretos, pobres e explorados. Até quando?

TIAOZINHO - (está sentado no chão ouvindo sua mãe, mais ou menos ao fundo do palco com ar pensativo como no início. Pela sua cabeça vão se passando cenas que são representadas por outras pessoas).

1. Entra rapidamente um homem branco vestido à moda européia que senta-se enquanto um negro engraxa seu sapato. O primeiro olha o segundo por cima e ao final, atira-lhe uma moeda com desprezo. (ambos saem de cena rapidamente).

2. Entram em cena três pessoas. Uma branca (patroa) e sua filha e uma empregada negra limpando os móveis com a patroa a gesticular-lhe ordens enquanto a filha toca um violão. (saem de cena)

3. Entram em cena um grupo de capoeiristas. (saem de cena dançando)

4. Entra em cena um grupo de candomblé cantando e dançando suas rezas. (saem de cena).

5. Entra um grupo de escola de samba dançando freneticamente, todos os atores vão entrando um a um na escola de samba aumentando gradativamente a agitação dos participantes. Ti-

ãozinho continua sentado ao fundo. As pessoas vão saindo uma à uma ao som da música, até restar apenas Tiãozinho cabisbaixo e em silêncio.

TIÃOZINHO -

Ainda cabisbaixo faz trabalho de respiração e vai levantando lentamente a cabeça. Solta as mãos, os braços e vai soltando todo o corpo lentamente. Levanta-se e caminha em direção ao centro do palco. Olha toda a plateia desde os primeiros até os últimos de maneira séria e profunda. Declama então o poema do poeta TIÃO LOBO:

"Não quero que
do meu sorriso
façam folclore
e da minha dança
uma atração comercial
e do meu cabelo
um novo penteado
e da minha cultura
um esteriótipo encomendado.
Não quero que
da minha luta
minha vida
minha arte
minha cor
meu povo
simples vida
não quero
...Folclorização "

(TIÃO LOBO)

Tiãozinho vira as costas e sai lentamente do palco caminhando com passos firmes.

B I B L I O G R A F I A

1. CHAUI, Marilena - CONFORMISMO E RESISTÊNCIA. Ed. Brasiliense. 2 ed. São Paulo, 1.987.
2. _____ O que é Ideologia. Ed. Brasiliense. ed18^o São Paulo, 1985.
3. CHIAMENATTO, Júlio José - O NEGRO NO BRASIL. Ed. Brasiliense. 4 ed.. São Paulo, 1987.
4. BERMAN, Marshall - TUDO QUE É SÓLIDO DESMANCHA NO AR. Ed. Cia das Letras. São Paulo, 1990.
5. FERNANDES, Florestan - SIGNIFICADO DO PROTESTO NEGRO. Ed. Cortez. São Paulo, 1989.
6. FOUCAULT, Michel - HISTÓRIA DA LOUCURA. Ed. Perspectiva . São Paulo, 1987 2 ed.
7. _____ MICROFÍSICA DO PODER. org. e trad. Roberto Machado. Rio de Janeiro. Ed. Graal, 1979.
8. _____ VIGIAR E PUNIR. Ed. Vozes. São Paulo, 1977.
9. MOURA Clóvis - OS QUILOMBOS E A REBELIÃO NEGRA. Ed. Brasiliense. 4 ed. São Paulo, 1.986.
10. _____ - Organizações Negras. In: SÃO PAULO: O POVO EM MOVIMENTO. Org. Camargo, Candido Procópio Ferreira de e outros. 2 ed. São Paulo, 1981.
11. RUFINO, Joel - O QUE É RACISMO. Ed. Brasiliense, São Paulo, 1984.
12. SADER, Emir(org) - MOVIMENTOS SOCIAIS NA TRANSIÇÃO DEMOCRÁTICA. Ed. Cortez, São Paulo, 1987.

13. TOMPSOM, E. P. - FORMAÇÃO DA CLASSE OPERÁRIA INGLESA .
v. 1 Paz e Terra.

JORNAIS E REVISTAS:

1. JORNAL DO MOVIMENTO NEGRO UNIFICADO. nº 17 Set/out/nov. 1989.
2. REVISTA DO ARQUIVO PÚBLICO DE MATO GROSSO - RAPMT - ' Cuiabá (MT) v. 1. nº 04. Set. Mar, 1988.
3. REVISTA TRABALHADORES - OS ESCRAVOS. nº 01. UNICAMP.